

HOMELAND™

COMO TUDO COMEÇOU
A HISTÓRIA DE CARRIE

ANDREW KAPLAN

HOMELAND™

COMO TUDO COMEÇOU
A HISTÓRIA DE CARRIE

Tradução de **Adalgisa Campos da Silva,**
Julia Sobral Campos e
Maria Carmelita Dias



Copyright © 2013 Twentieth Century Fox Film Corporation
Publicado mediante acordo com Harper Collins Publishers.

Título Original

Carrie's Run

Revisão

Bruno Fiuza

Diagramação

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO. SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K26h Kaplan, Andrew
Homeland / Andrew Kaplan ; tradução Julia Sobral Campos, Adalgisa Campos da Silva e Maria Carmelita Dias. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.
320 p. ; 23 cm.

Tradução de: Homeland: Carrie's run
ISBN 978-85-8057-468-5

1. Romance americano. I. Campos, Julia Sobral. II. Silva, Adalgisa Campos da. III. Dias, Maria Carmelita. II. Título.

13-07385

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para meu filho, Justin, que torna tudo melhor,
e
para os homens e mulheres dos serviços de inteligência dos Estados Unidos,
que buscam à sombra o bem mais elusivo do mundo: a verdade.*

NOTA DO AUTOR

Para os leitores interessados em mais informações sobre os personagens, as organizações e as agências descritas neste romance há um glossário e uma lista de personagens no fim do livro.

“Você sabe como é Princeton numa madrugada escura de inverno, às cinco da manhã, antes de todos terem acordado? Eu saía de 1915 Hall de moletom, porque nunca fui a garota popular. Eu era a garota séria, a que não flertava com os rapazes, mas que talvez fosse virar alguma coisa. Começava minha corrida sem tocar no cronômetro. O campus silencioso, ninguém em parte alguma, o ar tão frio que doía respirar. Corria até a Nassau Street, lá longe, passando pelas lojas com persianas fechadas, pelas luzes dos postes refletidas no chão gelado. Depois virava à direita na Washington, e, na volta ao campus, passava pela Woodrow Wilson e a Frist até o Weaver Track.”

“Eu parava, minha respiração saía em nuvens, o céu cinzento, e então eu apertava o cronômetro e corria os mil e quinhentos metros como se minha vida dependesse daquilo, tentando pensar no ritmo, mas juro, Saul, havia vezes, mesmo quando os últimos duzentos metros estavam me matando, em que eu achava que podia correr para sempre.”

“O que você quer, Carrie? O que diabo você realmente quer?”

“Não sei. Ser aquela garota outra vez. Sentir aquela limpeza... será que posso usar essa palavra? Ele está escondendo alguma coisa, Saul. Juro por Deus.”

“Todo mundo está escondendo alguma coisa. Somos humanos.”

“Não, uma coisa ruim. Uma coisa que vai nos fazer muito mal. Não podemos deixar isso acontecer de novo.”

“Que fique claro: você não está arriscando apenas a sua vida e as nossas carreiras; é a segurança nacional, a própria Agência. Tem certeza de que quer fazer isso?”

“Acabei de me dar conta de uma coisa. Eu nunca vou ser aquela garota outra vez, não é?”

“Não sei se algum dia você chegou a ser.”

2006

ANTES DE BRODY

CAPÍTULO 1

Achrafieh, Beirute, Líbano

Rouxinol estava atrasado.

Sentada na sala escura do cinema, no segundo assento da quarta fileira a partir do fundo, Carrie Mathison tentava decidir se devia abortar a missão. Era para ser apenas um contato inicial. “Navios de passagem”, fora como Saul Berenson, seu chefe e mentor, chamara aquilo durante o treinamento na Fazenda, o centro de treinamento da CIA em Virgínia. Dar uma olhada de perto em um tal de Taha al-Douni, a quem haviam atribuído o codinome “Rouxinol”, deixar que ele a avistasse rapidamente para a vez seguinte, sussurrar o horário e o local do próximo encontro e ir embora. Estritamente de acordo com as regras.

Se o contato se atrasasse, o protocolo da Agência era esperar de quinze a vinte minutos, depois abortar e só remarcar se o contato fornecesse um motivo muito bom para não ter aparecido. Uma desculpa banal como o horário no Oriente Médio, que podia querer dizer qualquer coisa entre meia hora e meio dia de atraso, ou o engarrafamento comum de sexta-feira à noite no bulevar Fouad Chehab durante o *cing à sept*, as horas entre cinco e sete da noite em que os homens de negócios encontravam suas amantes em pequenos apartamentos discretos no distrito de Hamra, não serviam.

Mas Carrie queria aquele contato. Segundo sua fonte, Dima, uma bela jovem libanesa do 14 de Março, um grupo político cristão maronita, que podia ser encontrada toda noite no bar do terraço do Le Gray no Distrito Central, havia dois fatores que faziam de Al-Douni alguém em quem a

CIA adoraria pôr as mãos: o primeiro, ele era um oficial da GSD, a brutal agência secreta de inteligência da Síria, o que lhe dava acesso direto ao regime de Assad em Damasco. O segundo fator era que ele precisava de dinheiro. Uma atraente namorada egípcia de gostos caros estava sugando tudo o que tinha, dissera Dima.

Carrie olhou seu relógio outra vez. Vinte e nove minutos. Onde diabo ele estava? Olhou em torno da sala de cinema, quase toda cheia. Ninguém havia entrado desde que o filme começara. Na tela, Harry Potter, Rony e Hermione estavam na aula de Olho-Tonto Moody, assistindo ao professor lançar uma maldição Imperius em um inseto voador de aparência letal.

Os nervos de Carrie estavam retesados como uma corda de violino, embora isso não quisesse dizer nada. Ela não podia confiar sempre nas suas sensações, porque havia vezes em que achava que seu sistema nervoso tinha sido montado pelos mesmos idiotas que construíram a rede elétrica de Washington, D.C. Transtorno bipolar, era como os médicos chamavam aquilo. Um transtorno de humor caracterizado por episódios de hipomania que se alternam com episódios depressivos, como descrevera certa vez uma psiquiatra recomendada pelo centro de saúde estudantil de Princeton. Sua irmã, Maggie, tinha uma definição melhor: “Mudanças de humor que vão de ‘Sou a garota mais inteligente, mais bonita e mais fantástica do universo’ a ‘Quero me matar’.” Ainda assim, parecia haver algo de errado com aquele contato.

Não posso esperar mais, disse Carrie a si mesma. Na tela, Hermione gritava com Moody, implorando que ele interrompesse uma maldição que torturava o pobre inseto até a morte. O *timing* perfeito; bastante barulho e efeitos especiais. Ninguém repararia nela, decidiu, levantando-se e avançando em direção ao saguão de entrada do cinema.

Ela chegou à rua, sentindo-se visível, exposta. De certa forma, era sempre assim para uma mulher ocidental no Oriente Médio. Sempre se destacava. O único jeito de Carrie se disfarçar seria usar uma *abaya* e um véu de corpo inteiro, e torcer para que ninguém se aproximasse o bastante para dar uma boa olhada nela. Com o corpo magro, o longo cabelo louro e liso e o rosto totalmente americano, Carrie não enganava ninguém a não ser a distância, e, de qualquer modo, isso não funcionaria no norte de Beirute, onde as mulheres usavam de tudo, de *bijabs* até calças jeans de grife coladas ao corpo, e às vezes as duas peças ao mesmo tempo.

Havia anoitecido enquanto Carrie estivera na sala de cinema. O trânsito ficara intenso na avenida Michel Bustros, os faróis dos carros e as janelas iluminadas em altos prédios de escritórios e apartamentos formavam um mosaico de luzes e sombras. Ela esquadrinhou a rua à procura de vigias. Contatos rompidos eram sempre potencialmente perigosos. E então seu coração quase parou.

Rouxinol estava sentado à mesa de um café do outro lado da rua, olhando diretamente para ela. Tudo errado. Não tinha como ele não ter entendido as instruções dadas por Dima no Le Gray na noite anterior. Estaria louco? E então ele fez pior. Chamou-a com um gesto que nos Estados Unidos quer dizer “vá embora” mas que no Oriente Médio significa “venha aqui”. Instantaneamente o padrão se esclareceu, como um daqueles caleidoscópios que a pessoa sacode e de repente todas as peças caem no devido lugar. Era uma emboscada. Al-Douni era supostamente do GSD. Um experiente profissional de inteligência. Não podia estar fazendo algo tão amadorístico.

Fossem do GSD ou do Hezbollah, eles eram perfeitamente capazes de matar uma agente da CIA ou, melhor ainda, de raptar uma para seus próprios fins. Pegar uma bela espiã americana louca seria para eles como ganhar na loteria. Em sua mente, ela já podia visualizar o circo da mídia quando eles a exibissem diante das câmeras, denunciando mais uma interferência dos Estados Unidos no Oriente Médio, enquanto a mantinham presa em um armário durante anos, torturando-a e estuprando-a porque, afinal, ela era uma espiã, sem contar que muitos homens no Oriente Médio acreditavam que as mulheres ocidentais eram todas vadias. Rouxinol acenou para ela outra vez e, enquanto o fazia, Carrie avistou de soslaio dois árabes saindo de uma van do lado da rua onde ela estava e avançando na sua direção.

Era um sequestro. Ela tinha de decidir imediatamente; ou em alguns segundos se tornaria prisioneira. Virou-se e retornou para o cinema.

— Esqueci uma coisa — murmurou em árabe, mostrando seu ingresso ao bilheteiro.

Caminhou pela passagem entre os assentos, semicerrando os olhos para que eles se adaptassem ao escuro. Na tela, Dumbledore anunciava que Hogwarts seria a anfitriã do Torneio Tribuxo enquanto Carrie saía pela porta de emergência para um beco. Eles iriam atrás dela, pensou,

enquanto seguia em direção à avenida. Espreitou pela lateral do prédio. Rouxinol não estava mais no café. Os dois homens deviam ter entrado no cinema.

Ela correu para a avenida, virando a esquina e descendo uma rua estreita para longe do tráfego. Quantos seriam?, perguntou-se, xingando a si mesma por estar usando saltos altos. Parte de seu disfarce. A menos que estivesse usando uma *abaya*, nenhuma mulher de respeito em Beirute jamais seria vista de sapatos baixos. Não seriam apenas dois homens, ela pensou, parando para tirar os sapatos. Não se fossem sérios.

A rua estava escura, à sombra das árvores. Não havia muitas pessoas ao redor — não que o fato de haver pessoas fosse detê-los. Os dois árabes da van apareceram na esquina. Um deles tirou algo do casaco. Parecia uma pistola com um silenciador acoplado. Carrie começou a correr. Eles a haviam subestimado, ela pensou. Fora uma atleta. Podia correr mais rápido que eles.

Bem nesse momento ela ouviu um tinido agudo e sentiu algo machucar sua perna. Olhou para baixo e para trás e viu a marca branca feita por uma bala na calçada. Eles estavam atirando nela. Desviou para a esquerda, depois para a direita e tocou a perna, sentindo um rasgo na calça jeans e uma substância viscosa. Sangue. Um pedaço de calçada devia ter ricocheteadado e a atingido, calculou, correndo pela própria vida, o concreto duro sob seus pés descalços. Virando a esquina, ela disparou por uma rua vazia. Tinha de fazer algo, e rápido. À sua esquerda havia uma grande casa com portão atrás de uma cerca de ferro forjado; do outro lado da rua, uma igreja ortodoxa grega de teto abobadado, um ponto iluminado na escuridão.

Carrie disparou até a porta lateral da igreja e puxou a maçaneta. Estava trancada. Olhando para trás, o coração a mil, pôde ver os dois árabes correndo. Ambos tinham pistolas com silenciadores e estavam se aproximando. Mais à frente, na esquina, um Mercedes sedã freou cantando pneu. Quatro homens saíram. Merda!, ela pensou, correndo o mais rápido que podia em direção à porta principal da igreja. Ela a abriu com um puxão e se lançou para dentro.

Dentro da Igreja havia umas doze pessoas, quase todas mulheres vestidas de preto. Estavam dando voltas, acendendo velas e beijando imagens, ou apenas de pé em frente ao altar com seus arcos e ícones dourados. Um

rapaz barbudo, um padre de beca preta, avançou pelo meio da nave na direção de Carrie.

— Cristo está no meio de nós — disse ele em árabe.

— Claro que está, padre. Preciso de ajuda. Há uma saída nos fundos? — perguntou ela em árabe.

Instintivamente, ele olhou para o lado por cima do ombro. Ela correu naquela direção assim que a porta principal se abriu e os quatro homens do Mercedes sedã entraram correndo, dois deles carregando rifles automáticos. Uma mulher gritou e todos começaram a se dispersar. A não ser o padre, que se aproximou dos homens.

— *Bess!* — ele gritou. *Parem!* — Esta é a casa do Senhor!

Um dos homens o empurrou para o lado ao correr pela passagem central, em direção à alcova onde Carrie havia desaparecido por trás de uma cortina que levava a uma porta.

Ela correu para fora da igreja. Uma passarela levava a uma avenida, ou ela podia atravessar a passarela até um estacionamento rodeado por uma cerca viva. Correu pelo estacionamento, virando à direita com o barulho de um tiro abafado atrás dela, depois desviou por uma abertura na cerca viva e saiu na avenida Charles Malek, uma ampla via principal repleta de pessoas e com trânsito intenso. Correu para o meio da rua, desviando de carros, as buzinas soando. O sinal ficou verde e os carros começaram a se mover à sua volta. De rabo de olho, Carrie espiou a rua lateral e viu três dos homens do Mercedes na calçada, procurando-a. Eles a avistariam em segundos.

Ela estava no meio do trânsito, entre duas faixas de carros com menos de vinte centímetros entre elas. Sentiu a mão de alguém agarrar sua bunda, de dentro um carro que se movia na direção oposta. Não perdeu tempo procurando ver quem fizera aquilo; tinha de agir rápido para sair da linha de visão de seus perseguidores.

Um táxi coletivo estava prestes a passar por ela. Havia um assento vago. Ela acenou com a mão diante do para-brisas, na frente do motorista, e gritou:

— Hamra!

O táxi já estava indo na direção oeste, e havia um esconderijo da CIA no bairro de Ras Beirut, não muito longe de Hamra, se ela conseguisse chegar lá sem ser vista. O táxi parou no meio do trânsito, as buzinas soando atrás dele, e Carrie pulou no banco traseiro.

— *Salaam alaikum* — murmurou ela para os outros passageiros.

Calçou de volta os sapatos que estivera carregando e tirou um *hijab* preto do bolso, colocando-o na cabeça para ajudar a mudar sua imagem. Passou uma extremidade por cima do ombro enquanto dava uma olhada rápida ao redor. Um dos homens na calçada apontava para a lotação e dizia algo. Ela chegou para trás, de forma a ficar ocultada pelos dois outros passageiros do assento traseiro: uma mulher mais velha usando um terno cinza que a olhava com um interesse genuíno e um rapaz vestindo roupas esportivas, provavelmente um estudante universitário. No assento da frente, ao lado do motorista, havia uma moça que ignorava todos eles, falando com outra pessoa ao celular.

— *Wa alaikum salaam* — murmuraram de volta o estudante e a mulher mais velha.

— Onde em Hamra? — perguntou o motorista, pisando no acelerador e desviando para ocupar o espaço entre dois carros mais à frente e assim avançar alguns metros.

— Banco Central — disse ela, sem querer revelar a localização verdadeira do esconderijo, sobretudo se eles ainda a estivessem seguindo.

Era perto o bastante de onde ela queria ir. Ela entregou duas notas de mil libras ao motorista, depois tirou um estojo de pó compacto de maquiagem da bolsa e tentou posicioná-lo em ângulo de forma a enxergar o vidro de trás. Apenas tráfego. Se a van ou o Mercedes estivessem atrás dela, estavam muito longe para serem vistos. Mas eles ainda a seguiam. Carrie tinha certeza disso. Por causa dela, todas as pessoas dentro do táxi estavam em perigo. Precisava sair dali assim que possível, pensou. Tirando uma mecha de cabelo da frente dos olhos e olhando em torno, ela guardou o estojo de maquiagem.

— Você não deveria fazer isso — disse a mulher mais velha. — Ficar parada no meio do trânsito daquele jeito.

— Há muitas coisas que eu não deveria fazer.

Então, percebendo que a mulher parecia estar interessada demais nela, acrescentou:

— Meu marido sempre me diz isso — concluiu, garantindo que a mulher visse a aliança de casamento que ela sempre usava para encontros com os contatos, embora não fosse casada, para evitar o que Virgil, seu colega para assuntos clandestinos, chamava de “sexo Everest”. Sexo não

desejado ou com os parceiros errados ou, a parte do Everest, “porque está lá, Carrie”.

Eles estavam no bulevar General Fouad Chehab agora, a principal rua de mão dupla ao norte de Beirute, e o trânsito era um pouco melhor. Se iam pegá-la no táxi, seria agora, ela pensou, os olhos disparando de um lado a outro. Carros e caminhões por todos os lados e a adolescente ao celular dizendo:

— Eu sei, *babibi*. Tchau.

A menina desligou e imediatamente começou a digitar uma mensagem de texto.

O motorista fez a curva pelo prédio alto e retangular Al-Mour, entrando no bulevar Fakhreddine. Todos os prédios daquela área eram novos; os velhos haviam sido destruídos durante a longa guerra civil. Mais acima no bulevar ela podia avistar altos guindastes, onde ainda mais prédios novos estavam sendo construídos. O táxi virou à esquerda, e depois de alguns quarteirões o motorista desacelerou para encontrar um lugar onde alguém pudesse saltar.

Carrie olhou para trás pelo vidro. Eles ainda estavam atrás dela, quatro carros depois, no Mercedes, procurando avançar. Estavam esperando que ela saísse do táxi, então a pegariam antes que tivesse avançado cinco metros. O que podia fazer? O táxi encostou e parou junto de um edifício alto de apartamentos. Carrie retesou o corpo. Será que eles iriam pegá-la agora? Podiam parar junto do táxi, bloqueando-o de forma que ele não pudesse voltar para o meio dos carros. Ela ficaria presa. Tinha de fazer algo, e rápido.

A mulher mais velha acenou com a cabeça para os outros passageiros e saiu do carro. Depois de um segundo, Carrie saltou pelo lado da rua, deu a volta e pegou seu braço.

— Achei que você ia ao Banco Central — disse a mulher.

— Estou em apuros. Por favor, senhora — disse Carrie.

A mulher fitou-a.

— Que tipo de apuros? — perguntou, enquanto caminhavam em direção à entrada do edifício.

Carrie olhou por cima do ombro. Enquanto o táxi se afastava, o Mercedes tomava o seu lugar no acostamento.

— O pior tipo. Temos que correr, senão eles vão matar a senhora também — falou Carrie, começando a correr e puxando a mulher.

Elas correram para dentro do prédio, até os elevadores, e apertaram o botão.

— Não vá direto para o seu andar — disse Carrie. — Escolha um andar mais alto e desça a pé. Tranque a porta e não abra para ninguém por pelo menos uma hora. Sinto muitíssimo.

Ela tocou o braço da mulher.

— Espere — disse a mulher, enfiando a mão na bolsa. — Tenho um Renault vermelho no estacionamento.

Ela estendeu as chaves.

— Espere uma hora antes de prestar queixa do roubo — falou Carrie, pegando as chaves. — Você conhece o Crowne Plaza, perto do shopping center?

A mulher fez que sim.

— Se eu conseguir, deixo o carro lá — disse Carrie, já correndo até a porta lateral perto do estacionamento. — *Shokran* — gritou para trás, agradecendo à mulher enquanto ela entrava no elevador.

Carrie saiu no estacionamento. O Renault vermelho estava parado em uma fileira de carros junto de uma mureta baixa e uma cerca viva. Ela correu até lá, destrancou o carro, entrou e ligou o motor. Enquanto ajustava o retrovisor, ela os viu. Dois homens. Os mesmos que a haviam seguido dentro da igreja. Ela acionou a marcha a ré, recuou e foi em direção à saída. Os homens correram atrás; o que havia tentando atirar nela antes se colocava em posição de disparo, mirando no carro. Instintivamente ela se abaixou e desviou para a rua, virando com força e acelerando o máximo que o pequeno carro podia alcançar. Uma bala atravessou o vidro de trás, formando uma teia de rachaduras a partir do buraco.

Carrie desviou outra vez, olhando na direção do estacionamento onde o atirador mirava diretamente nela. Têria de passar bem ao lado de onde ele estava. No último segundo, ela pisou no freio e bateu com a cabeça no encosto do banco. Outra bala atravessou a janela lateral, cortando o ar em frente ao seu rosto. Pisou no acelerador outra vez, com uma buzina soando alto atrás de si, e disparou rua acima, procurando uma abertura no trânsito. Checando o retrovisor, ela viu que por enquanto o Mercedes ainda estava parado junto ao meio-fio. Alguém corria pela calçada na sua direção. Deus, ela esperava que eles não tivessem machucado a mulher. Por que haviam tentado atirar nela? O que estava acontecendo? Uma

refém americana era valiosa para o Hezbollah, ou a Síria, ou quem quer que estivesse por trás daquilo. Uma mulher morta, mesmo que da CIA, não valia muita coisa.

De repente, sem sinalizar, ela se esgueirou para a faixa da direita e virou a esquina, os pneus cantando enquanto disparava pela rua estreita. Mais à frente, um homem atravessava pelo meio da rua, e, em vez de frear, ela tocou a buzina, sem desacelerar nem por um segundo, conseguindo por pouco desviar dele enquanto ele erguia um polegar, o equivalente no Oriente Médio a erguer o dedo do meio. Ela não desacelerou, mas pegou a rua seguinte à esquerda, olhando o retrovisor novamente. Por enquanto não havia ninguém atrás dela.

Virou à esquerda outra vez na Rome e voltou pela Hamra, a rua estreita repleta de carros e pessoas. Se estavam atrás dela com o Mercedes ou com outro carro, não teriam como alcançá-la com aquele trânsito. As calçadas estavam lotadas de pessoas de todas as idades, muitas elegantes, algumas mulheres usando *hijabs*, os cafés e restaurantes brilhando sob letreiros de neon, e o som de hip-hop vindo da porta aberta de uma boate.

Ela dirigiu para o lado esquerdo na rua Hamra, verificando os retrovisores enquanto a cidade e todas as suas cores rodopiavam à sua volta. Abriu uma janela e ouviu o barulho das pessoas e da música, sentiu o cheiro de *shawarma* assado e de tabaco de maçã que saía das casas de *shisha*. Nenhum sinal de alguém a seguindo. Talvez eles tivessem trocado o Mercedes ou a van por outra coisa, mas até onde Carrie podia ver, ela os havia despistado. Ainda assim, não podia relaxar. Eles estariam vasculhando a cidade à procura dela. Se tivessem pegado o motorista do táxi, ele lhes teria dito que ela ia a Hamra. Podiam estar em qualquer parte. E Carrie só podia torcer para que não tivessem encontrado a mulher mais velha. Hora de se livrar do carro.

Carrie avistou o grande hotel Crowne Plaza mais à frente, com seu letreiro luminoso vermelho no alto do prédio. Passou reto em frente a ele até a entrada do shopping e, depois de quinze minutos circulando, encontrou uma vaga. Deixou as chaves do carro no tapete, saiu e caminhou para longe do estacionamento e para dentro do shopping, onde se misturou ao fluxo de compradores, saindo por diferentes portas e voltando para dentro, olhando espelhos, subindo e descendo escadas para garantir que não estava sendo seguida, verificando uma última vez ao sair do shopping

e se afastar da multidão para subir a rua Gemayel em direção ao campus da American University.

Deu a volta no quarteirão duas vezes, depois andou mais um quarteirão no sentido oposto para garantir de uma vez por todas que não estava sendo seguida. Fazendo assim, mesmo que tivessem trocado de carro, quase sempre era possível avistar uma sombra. Ela começou a respirar com um pouco mais de facilidade. Até ali, parecia que os havia despistado. Mas Carrie não tinha nenhuma ilusão. Estariam vasculhando Hamra à sua procura. Precisava chegar ao esconderijo imediatamente.

O segredo era ficar longe da multidão na rua Hamra. Eles poderiam dar sorte e avistá-la ali. Então foi em direção à universidade. Para passar despercebida, se inseriu em um grupo de estudantes que conversavam sobre um lugar onde pudessem comer *manaeesb*, um tipo de pizza. As duas garotas eram libanesas, um dos rapazes era da Jordânia, e por um instante foi como estar na faculdade outra vez. Eles a convidaram a se juntar a eles num pequeno restaurante discreto, mas ela deu de ombros e seguiu em frente. O esconderijo não estava longe. Vinte minutos depois, ela estava na Adonis, uma estreita rua residencial arborizada, subindo o elevador até o apartamento no décimo oitavo andar onde ficava o esconderijo.

Ao sair do elevador, ela esquadrinhou o corredor e o vão da escada, escutando a subida do elevador antes de se aproximar da porta do apartamento. Examinou a ombreira e o batente da porta em busca de traços de adulteração. Parecia estar tudo certo. O olho mágico continha uma câmera de vídeo, ela sabia. Olhou dentro dele e fez o sinal pré-determinado, duas batidas duplas, pronta para correr se algo acontecesse. Não obteve resposta. Ela bateu outra vez, depois tirou a chave da bolsa e abriu a porta.

O apartamento parecia vazio. Isso não estava certo. Tinha sempre que ter alguém lá dentro. O que diabo estava acontecendo? Verificou se as cortinas estavam fechadas, trancou a porta e explorou os dois quartos, um deles repleto de catres e o outro de equipamentos. Foi até a cômoda onde guardavam um sortimento de armas. Pegou uma pistola Glock 28 e quatro carregadores. A arma era perfeita para ela. Pequena, leve, com pouco recuo, e os cartuchos .380 atravessariam qualquer coisa. Carregou a pistola e colocou-a na bolsa junto com os outros carregadores.

Foi até a janela e espiou pela lateral da cortina a rua abaixo, iluminada por um único poste. Se havia vigias, eles estavam escondidos sob as sombras das árvores e dentro de carros estacionados na rua escura.

— Nossa, preciso de uma bebida — disse em voz alta para si mesma.

Foi até o armário de bebidas da sala, olhando para o laptop na mesa de centro que mostrava múltiplas vistas de câmeras de segurança do olho mágico da porta, do corredor e da rua vista do telhado. Tudo parecia normal. Ela encontrou uma garrafa pela metade de Grey Goose no armário e serviu um quarto de copo para si mesma, sabendo que provavelmente não deveria, e pensando que àquela altura ela já não ligava; pegou um dos seus comprimidos de clozapina na bolsa — teria de conseguir mais no mercado negro em Zarif, pensou com a testa franzida — e engoliu o comprimido com a vodca. Olhou o relógio: sete e quarenta e um da noite. Quem estaria ocupando a central telefônica da Estação de Beirute a essa hora?, perguntou a si mesma. Linda, pensou. Linda Benitez; no posto até a meia-noite.

Só que, antes de telefonar, ela precisava pensar bem. O que acabara de acontecer não fazia sentido. O contato com Rouxinol havia sido organizado por Dima. A vadiazinha não era um dos pombos, os contatos que Carrie recrutara desde que chegara em Beirute. Ela a herdara de Davis Fielding, o chefe da Estação de Beirute da CIA. Ela era um dos seus. Alguém vai ter que se explicar, ela pensou, com raiva. Só que não tinha como saber se Dima estava jogando para os dois times ou se também fora enganada por Rouxinol. Ela podia até mesmo estar em perigo, ou já estar morta.

Carrie não tinha como entrar em contato com ela. Não podia simplesmente telefonar. Os dois telefones do esconderijo eram interditados. O normal servia apenas para receber chamadas. O codificado era reservado para comunicações com a central telefônica extremamente segura da embaixada americana em Akouar, no extremo norte da cidade. E usar um celular poderia revelar sua posição, se a estivessem rastreando com GPS. Pense em alguma coisa, disse Carrie a si mesma. Presuma que quem está por trás disso é a GSD ou o Hezbollah. Como a haviam descoberto? Dima. Só podia ser Dima, e isso podia significar que havia algo que Fielding não sabia. Ele a encorajara a estabelecer o contato.

— Faríamos tudo para ter alguém dentro da GSD — dissera ele.

E também dissera que ela não precisaria de reforço.

— Dima é sólida. Não nos deu muito, mas o que tem é ouro puro.

Filho da puta, ela pensou. Ele estava comendo ela? Seria sexo o ouro puro que ela estava lhe dando? Carrie quisera levar Virgil Maravich, o gênio de assuntos clandestinos residente da estação, o melhor em tecnologia de vigilância, escutas e invasões que ela já conhecera, mas Fielding dissera que precisava de Virgil para outra coisa.

— Além disso, você já é crescida. Pode dar conta do recado — dissera Fielding, insinuando que se ela não pudesse, não pertencia a Beirute, à liga profissional.

— Regras de Beirute — avisara ele, naquele primeiro dia em seu escritório na cobertura da embaixada americana, esparramado em sua cadeira de couro.

Atrás dele, uma janela com vista para o prédio da prefeitura, com suas próprias janelas e portas em arco. Fielding era um homem grande, de cabelos claros, começando a ficar gordo. Um pouco de rosácea no nariz; alguém que gostava de comer e beber.

— Não há segundas chances. E ninguém liga que você seja uma garota no Oriente Médio. Se fizer merda, se cometer um erro, a probabilidade é de que você morra. Mesmo que não morra, é expulsa de lá. Essa cidade parece civilizada, com seus diversos clubes, suas lindas mulheres usando roupas de marca, ótima comida, as pessoas mais sofisticadas do planeta, mas não se engane. Ainda é o Oriente Médio. Coloque um pé no lugar errado e eles matam você... e um minuto depois vão para a próxima festa.

O que diabo está acontecendo?, Carrie pensou. Fora o contato de Fielding que organizara aquilo, Fielding que a encorajara a se candidatar e Fielding que garantira que ela aparecesse sem reforço. Mas Fielding era um chefe de estação de longa data em Beirute. Seria um primeiro contato normal. Ele não esperara que alguma coisa desse errado. Ela quase fora sequestrada ou morta. Claramente, ele não queria isso. Ela inspirou profundamente. Aquilo era loucura. Estaria se sentindo zozna? Seria possível que a clozapina, o remédio para seu transtorno bipolar, não estivesse funcionando?

Carrie se levantou. Sentia que tinha de fazer alguma coisa, qualquer coisa, mas não sabia o quê. Sentia um formigamento na pele. Ai, Deus, isso não. Ela não estava começando a ter um de seus “voos” — como chamava a fase maníaca da sua doença —, estava? Começou a andar pelo

cômodo, depois foi até a janela, sentindo um irresistível desejo de abrir as cortinas de uma vez e olhar para fora. Vão em frente, deem uma boa olhada em mim, seus desgraçados! Não seja burra, Carrie, disse a si mesma. Você está bem, dê apenas mais alguns segundos para que a vodca e a clozapina façam efeito. Embora talvez tenha sido loucura misturar os dois. Ela estendeu a mão até a cortina. Cuidado, cuidado, disse a si mesma. Puxou o canto da cortina e deu uma olhada na rua.

O Mercedes sedã que a estivera perseguindo estava estacionado em fila dupla em frente ao prédio do esconderijo. Três homens caminhavam em direção à entrada principal. O medo a atravessou como eletricidade. Sentiu uma vontade terrível de urinar e teve de apertar as coxas uma contra a outra para se controlar.

Era impossível. Aquilo era um esconderijo. Como a haviam encontrado? Ela não fora seguida. Tinha certeza disso. Ela os havia despistado no Renault vermelho e tinha garantido isso ao circular pelas ruas de Hamra. Ninguém a pé; ninguém de carro. E o que ela podia fazer? Eles estavam entrando no prédio. Tinha apenas alguns segundos para escapar. Pegou o telefone que se comunicava com a embaixada e discou. Atenderam no segundo toque.

— Boa noite. Escritórios de Serviços Culturais dos Estados Unidos — falou uma voz.

Apesar de uma leve distorção causada pela encriptação da linha, Carrie reconheceu a voz de Linda Benitez. Não a conhecia bem, só o bastante para cumprimentá-la.

— Amarillo — disse Carrie, usando a senha da semana. — Rouxinol foi uma armadilha.

— Confirma oposição?

— Não tenho tempo. A segurança de Aquiles foi violada. Está ouvindo, caramba? — Carrie quase gritou.

Aquiles era o esconderijo.

— Confirmado Aquiles. Qual é sua localização e status? — perguntou Linda.

Carrie sabia que ela estava não apenas gravando, mas seguindo um texto decorado e anotando cada palavra, perguntando se ela ainda estava móvel e operante, ou se estava telefonando numa situação de coação ou captura.

— Estou em movimento. Diga a você-sabe-quem que o vejo amanhã — Carrie se irritou, e desligou.

Por um instante, ficou parada, equilibrada nas pontas dos pés como uma dançarina, tentando decidir para que lado ir. Tinha de sair dali rápido, mas como? Eles eram três. E pelo menos mais um lá fora, no sedã. Subiriam tanto pela escada quanto pelo elevador.

Como ela poderia sair? Não havia contingência para algo assim. Aquilo não deveria acontecer num esconderijo.

Ela não podia ficar onde estava. Eles achariam um jeito de entrar. Se não fosse por uma porta, seria por uma janela, uma sacada ou até uma parede do apartamento vizinho. Se entrassem de fato, fariam isso atirando. Ela talvez conseguisse atirar em um, quem sabe até em dois, mas em três, não. Aquilo não iria virar um banguê-banguê. Também não podia sair no corredor, tentar descer pela escada ou pelo elevador. Eles estariam esperando. Aliás, era provável que chegassem à porta do apartamento a qualquer instante, pensou, indo até lá e fechando a tranca.

Sobravam a janela e a sacada. Ao ir em direção ao quarto, um choque passou dentro dela com os barulhos no corredor. Ela foi até o laptop. Os três homens árabes estavam ali, avançando metodicamente e parando para ouvir à porta de cada um dos apartamentos com uma espécie de aparelho de escuta. Chegariam ao de Carrie em segundos.

Ela correu de volta para o armário do quarto, onde guardavam os materiais. Abriu-o e começou a vasculhá-lo, à procura de uma corda ou de qualquer coisa que pudesse usar para ajudá-la a descer. Nada de corda. Apenas mudas de roupas masculinas. Alguns ternos, sapatos e cintos de couro. Cintos! Ela agarrou três cintos e os amarrou para criar um único cinto longo, depois correu de volta até o laptop.

A tela mostrava os três homens bem à porta do esconderijo. Estavam colando algo nela. Explosivos!, Carrie pensou. Disparou em direção ao quarto e abriu a porta da sacada, passando o cinto pela balaustrada de ferro forjado. Espiou pela beirada. O Mercedes ainda estava ali, mas ninguém havia saído nem olhava naquela direção. Ela olhou para a sacada de baixo, incapaz de adivinhar se havia alguém no apartamento. Que diferença faz?, gritou por dentro. Eles iriam explodir a porta e talvez o apartamento inteiro. Poderia morrer a qualquer instante.

Ela apertou o cinto na balaustrada e puxou com força. Parecia que ia aguentar. Teria de aguentar. Subindo pela beirada, baixou o próprio corpo, uma mão depois da outra no cinto. A porta de vidro da sacada do

apartamento inferior estava escura. Ninguém em casa. Com os braços estendidos, ela esticou os dedos dos pés para alcançar a balaustrada de baixo. Não olhe para baixo, disse a si mesma enquanto seus dedos dos pés tocavam o gradil. Empurrou o corpo para a frente, largando o cinto e caindo na sacada. Uma explosão ensurdecadora acima fez tremer o prédio.

Eles haviam explodido a porta do esconderijo. Com um zumbido no ouvido, ela esfaçalhou o vidro da porta da sacada com a Glock, depois passou a mão pelo buraco serrilhado e abriu a porta.

Calçando os sapatos para não pisar em cacos de vidro, correu até a porta da frente do apartamento, destrancou-a e disparou pelo corredor e pelas escadas até o andar térreo. Alguns segundos depois ela saía pela porta de serviço para um beco que havia nos fundos. Seguiu pelo beco cuidadosamente até uma rua lateral. Parecia vazia. Não havia vigias no sedã na esquina. Tirando os saltos altos novamente, correu o mais rápido que pôde, seu corpo esguio desaparecendo na escuridão.